

A MORADA DO SER: UMA REFLEXÃO ACERCA DA ESSÊNCIA DA LINGUAGEM A PARTIR DO PENSAMENTO DE HEIDEGGER

[THE LIVING OF BEING: A REFLECTION ON THE ESSENCE OF LANGUAGE FROM HEIDEGGER'S THOUGHT]

Carlos Roberto Guimarães *

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo refletir acerca da essência da linguagem segundo Martin Heidegger. Pretendemos, com isto, legitimar uma leitura que compreende a linguagem numa dimensão metafísica capaz de situá-la como sendo o espaço fecundo desde onde originariamente se instaura a realidade; ela é pois, gênese de mundo, de sentido, de vida. Acreditamos que a frase heideggeriana “*A linguagem é a casa do ser*” significa uma identificação ontológica entre ser e linguagem. E, neste sentido, tudo o que existe, tudo o que é, só “é”, só existe, porque pode ser dito – por isto, insistimos: a linguagem – casa do ser - é o fundamento desde onde emerge o real. Junto ao esforço pelo vislumbre desta dimensão arcaica da linguagem estaremos, também, ponderando acerca do perigo que significa, para o homem, um distanciamento desta dimensão radical.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; homem; ser

ABSTRACT: This work aims to reflect on the essence of language according to Martin Heidegger. Then, we intend to legitimize a reading that understands language in a metaphysical dimension, capable of situating it as being the fruitful space from which the reality is originally established; therefore, it is the genesis of the world, of meaning, of life. We believe that the Heideggerian phrase “*Language is the house of being*” means an ontological identification between being and language. Moreover, in this sense, everything that exists, everything that is, only “is”, exists because it can be said – therefore we insist: language – the house of being - is the foundation from which the real emerges. Together with the effort to catch a glimpse of this archaic dimension of language, we will also be pondering the danger to man of distancing himself from this radical dimension. Together with the effort to catch a glimpse of this archaic dimension of language, we will also be pondering the danger to man of distancing himself from this radical dimension.

KEYWORDS: language; man; being

O presente trabalho terá como fio condutor a reflexão sobre a essência da linguagem segundo Heidegger. Tal objetivo se confundirá, necessariamente, com um refletir sobre o ente que tem o dom da fala: o homem. Falar da essência de algo implica num esforço de se dizer o princípio, o fundamento – o que funda algo. O que funda algo significa o que permite isto vir à tona. O que permite vir à tona, isto é, o que principia algo pode ser compreendido como sua gênese. Sendo assim, refletir sobre a essência da linguagem significa refletir sobre sua dimensão de

* Professor Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz e Doutorando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. m@ilto:betorrancho@yahoo.com.br

gênese. Porém, como falar sobre a gênese da linguagem se, para tanto, nós necessariamente usamos as palavras, isto é: aquilo que brotou, o fruto da própria gênese? Se a palavra é sempre algo além de sua gênese, quer dizer, a gênese é desde sempre o aquém do que dali brota, frutifica, que caminho então possibilitaria o êxito de tal empreitada? Talvez o caminho seja rumo à dimensão do aquém, onde vigora a força de gênese num tal âmbito onde o que deve frutificar ainda não eclodiu, ou seja, onde as palavras ainda não surgiram. E, a esfera onde as palavras ainda não brotaram - a essência, a gênese da linguagem - só pode ser experienciada caso nós, seres falantes, na maior parte do tempo seres tagarelas, interrompamos as palavras. É o que anuncia Heidegger:

Interromper [a palavra] significa devolver o elemento sonoro da palavra para o não sonoro, para onde ela antes se resguardava: consonância do quieto. [...] Esse interromper da palavra é propriamente o passo atrás para o caminho do pensamento”. (HEIDEGGER, 2003, p. 171)

Consonância do quieto... Eis o que Heidegger denomina como essência, gênese da linguagem. Na citação, pensamento então diz respeito àquilo que perpassa a consonância do quieto. No aquém do homem falar é onde reside a gênese do falar, que é também a esfera do pensamento que ainda não se rendeu ao perigo de se deixar instrumentalizar enquanto um mero raciocinar, calcular. Mas o que queremos dizer com um pensamento que se restringe a um raciocinar, calcular? E mais: o que significa este perigo, esta ameaça? Deixemos, por enquanto.

Pensemos primeiro: o que vem a ser o mundo no aquém do falar, na dimensão da essência da linguagem, isto é, onde a possibilidade de fala do homem ainda não produziu nenhum ruído? O mundo é calado, é quieto, é silêncio, pois que as coisas não falam. Mas então, onde residiria aquilo que provocasse, invocasse o homem a falar? Onde residiria? Nas próprias coisas em seu ser, em sua quietude, nos diz Heidegger. São as próprias coisas que provocam o homem a falar. São as próprias coisas que de certa forma se apropriam do homem para, através dele, ganharem mundo. Pois onde não vigir palavra não vigiria também mundo. É o que se pode compreender a respeito de uma reflexão do próprio Heidegger: *“Somente quando se encontra a palavra para a coisa, a coisa é coisa. Somente então ela é. Devemos então frisar bem: Nenhuma coisa é, onde a palavra, isto é, o nome falhar. É a palavra que confere ser às coisas”* (HEIDEGGER, 2003, P. 126). Ora bem, se as coisas necessitam serem nomeadas para virem à tona, segue-se que elas precisam, então, daquele que fala, pois é através deste que elas manifestam-se em seu próprio ser – através do dom da fala pertinente ao homem.

Poderíamos assim pensar o homem enquanto um ente que, de forma totalmente ativa, concede a possibilidade de manifestação do sentido do ser das coisas. Entretanto, tal pensamento seria precipitado, pois, da mesma forma que é somente através do homem que as coisas ganham sentido, ganham mundo, também o homem somente é homem porque é requisitado, pela “consonância do quieto” que perpassa as coisas, provocando-o a falar. Sem esta provocação, o homem não seria homem, pois, aquilo que de mais próprio lhe constitui é, justamente, a inquietação provocada por esta quietude. Esta quietude - este silêncio - é, por assim dizer, o ambiente ontológico desde onde estão entrelaçados homem e o ser de todo o ente que lhe vem ao encontro. É o ambiente de eclosão do homem, de frutificação do mundo. Eis pois, a gênese de mundo, a gênese de homem – a gênese de ser-no-mundo. Mas, de que forma aquilo que é quieto pode provocar? O que é quieto não deveria, ao contrário, indicar a postura da inatividade, da passividade absoluta? De fato seria assim, se pensarmos as questões à

luz do pensamento representativo que, guiado pelas leis da lógica formal, organiza o real a partir do rígido princípio da identidade que cristaliza e coisifica o ser dos entes numa absoluta homogeneidade. Na realidade visualizada a partir deste prisma, a identidade das coisas é resguardada em compartimentos que a protegem, radicalmente, do assédio de qualquer alteridade. Assim, onde existe o claro, o escuro está afastado; o certo significa a ausência do errado. Neste sentido, a quietude implicaria na impossibilidade de qualquer ativismo. Tudo isto resulta da necessidade de tal forma de pensar separar, com o rigor da exatidão, o joio do trigo. A partir daí, o real, sem mistura alguma, pode sim, ser conhecido de modo seguro. Conquista-se assim, um conhecimento objetivo da realidade.

Separar o joio do trigo exige um distanciamento da razão para aquilo que, à primeira vista, *originariamente*, apresenta-se misturado. Enquanto não distanciar-se, tal razão está próxima demais, chapada demais e, por assim dizer, contaminada, afetada pela própria mistura. É somente no distanciar-se que a razão pode, por fim, separar o joio do trigo, o claro do escuro, o certo do errado... A partir da distância, ela consegue então, aproximar-se de uma verdade calibrada pelas cifras da certeza e exatidão. A convicta adesão a esta verdade chega mesmo a sobrecarregá-la com a responsabilidade de todo erro e mistura que insista em cair nas suas malhas cognitivas. Ela se esquece que, talvez, o erro pertença à verdade, o joio imbrigue-se no trigo. Como de fato, como poderia existir o erro caso não fosse constitutivo da realidade o dissimular-se? Em outras palavras: o real não se manifesta em erro porque olhamos errado... Ao contrário, equivocamos no olhar porque a realidade, *originariamente*, emerge na dissimulação; em tudo que se manifesta, em todo desvelamento, algo sempre se vela, se dissimula. Este desvelar-se originário diz respeito à instauração, ao principiar de tudo o que se dês-vela, inclusive da própria razão que, *originariamente*, é então afetada por todo este fenômeno de mistura, do que se dês-vela e do que vela, da verdade e do erro, do claro e do escuro... Do quieto (repouso) e do inquieto (movimento); do silêncio e do barulho. Em tudo que se manifesta, algo sempre se oculta, se recolhe... E mais: na maior nitidez do que emerge, o próprio ocultamento, por assim dizer, se oculta ainda mais, podendo chegar num limite tal, de provocar um esquecimento de que algo se esconde. E, se esquecermos que, na manifestação do real, algo se esconde, significa a vitória da cobiça de uma razão que a tudo quer conhecer com exatidão, distinção, clareza. Eis o perigo assinalado anteriormente. Se é possível conhecer algo com tal clareza e distinção, esta mesma clareza pode, por fim, ofuscar o caráter velado, recolhido do real e, noves fora tudo isto, toda a realidade fica então confinada à exatidão... E o que é exato, é reto, chapado, sem insinuações, sem curvas, sem mistério, sem surpresas... Sem o “de repente”. Com efeito, nesta perspectiva, nada pode nos assaltar. A razão caminha então absoluta, soberba, a tudo olhando, a tudo calculando, dominando; a natureza apresenta-se, assim, sem sobressaltos, retilínea, sem solavancos, sem montanhas! Uma realidade sem montanhas... Isto é grave, é ameaçador, sobretudo para o mineiro. Pensar um mundo sem montanhas? Mas como pode? Isto é possível? Como fica Minas, se acabarem com as montanhas? Pois é... Como fica Minas, se acabarem com as montanhas? Minas não fica, pois Minas “é” montanhas.... Se acabarem com as montanhas, acaba-se com Minas e... E agora José? “quer ir para Minas, Minas não há mais. José é agora?” A referência aqui ao personagem do poema de Drummond não é nenhuma tergiversação ou exagero retórico; contrariamente ao que possa parecer, não nos desviamos e nem perdemos o foco da questão, estamos ainda no seu rastro e, talvez agora, ainda mais próximos, quase que afetados, a ponto de, quem sabe, roçar-lhe as ventas! É que o caráter infável da ameaça que esta aqui em questão exige uma forma de abordagem nada familiar para o padrão de argumentos demonstrativos que

prevalecem na filosofia tradicional. Sendo assim, esta breve e livre incursão pela alma do mineiro, que se segue, é tão somente uma despreziosa especulação para, através dela, experienciarmos a ameaça aqui em questão, a saber, o risco de o homem desenraizar-se e, tal qual uma árvore que perde contato com suas raízes, secar. Perder contato com as raízes significa perder sintonia com a fonte desde onde tudo principia e, neste principiar que é fonte de renovação, ocorre a oxigenação de tudo o que dali brota, evitando a isquemia, a petrificação.

Na nossa leitura, aplinar as montanhas de Minas significa retirar o mineiro de seu habitat de origem, que diz respeito a um ente que, em sua gênese, é desde sempre um “ser entre montanhas”. É este habitat, é esta ambiência entre montanhas que também funda o ethos mineiro de sempre olhar espreitando, pois que ele sempre olha o real por detrás, pelas gretas das montanhas. Existe sempre uma montanha atravessando a visão do mineiro, por isto ele não vê... Ele espia. Por conta disto, o seu olhar é sempre desconfiado, pois, a montanha que lhe atravessa a alma, é o entrave que impede que algo se apresente por inteiro, na máxima claridade. Então o mineiro, diante do que se apresenta à luz, confia; porém, ao mesmo tempo, por conta da penumbra da montanha que acompanha e sempre compromete a luminosidade de tudo que aparece, o mineiro desconfia. Mas vejamos: é um desconfiar que abriga em seu bojo o confiar. Desta forma, o mineiro, aquele que sempre desconfia, acalenta, o tempo todo, no coração desta desconfiança, uma confiança. Por isto não é possível ir à sua casa sem ser convidado para sentar-se no coração do lar, a cozinha e, desarmado o espírito, tomar um café, sob seu olhar sereno, brando, quase que acolhedor, porém... Desconfiado! Esta desconfiança deixa-se denunciar pela ausência de retidão de seu olhar. O mineiro não é do tipo da fixidez dos “olhos nos olhos” É porque o mineiro sabe, que o que ele quer ver, o essencial, não se deixa capturar pelo olhar da gula, pois concerne àquilo que não se apresenta, que vige aviltado pelo que se manifesta; ele sabe, que, aquilo que se oculta, não se rende ao olhar frontal, fixo, reto. Por isto, por vezes, ele entorta o olhar, encurva as vistas e, de repente, na chispa de uma piscadela, olha de rabo de olho, na expectativa de surpreender a silhueta daquilo que se retrai no incessante movimento de velamento constitutivo de tudo o que se desvela... Por isto, para arrepio dos cartesianos, diante da mais evidente verdade, o mineiro desconfia, confiando! De fato, só pode desconfiar aquele que, antes de tudo, confia e, somente por conta disto, desconfia. Por certo, como desconfiar se, inicialmente, não existir a confiança sustentando a desconfiança? Em suma: se não se confia em nada, como então desconfiar? Se não se confia em nada, de que então poderíamos desconfiar? Acabar com as montanhas implica, então, em retirar o mineiro desta ambiência de “desconfiamento”, espreitamento, o que significa: retirar as montanhas de sua alma, de seu olhar e, assim, a realidade resta aplainada, retilínea, sem curvas. Mas aí, não há mais Minas, não há mais mineiro; surge então um exemplar do homo sapiens isquêmico, ressecado, em árido deserto.

Este breve percurso acerca da mineiridade é tão somente uma tentativa de resvalarmos naquilo que está aqui em questão, a saber, o fenômeno de frutificação e brotamento de realidade que é ameaçado com o perigo do homem, por fim, render-se ao pensar objetivante, calculante, possuidor de uma sede de conhecer que mais parece um “desbravamento” que disseca o real e, ao assim fazer, retira o próprio homem desta dimensão originária desde onde, ele e mundo surgem. Em verdade, o próprio surgimento do homem é também desbravado, explicado, a partir de um nexos causal atrelado a um biologismo. Não obstante, antes de se render a todo este biologismo regido pela relação de causa e efeito, as coisas, os entes, são... Simplesmente são. Como de fato, se as coisas, os entes, não fossem já previamente dados, como poderiam então se comportar, se adequar, segundo a cifra da ciência? O olhar científico será sempre

tardio, secundário. Quando a ciência, tal qual uma garça, arregala os olhos para conhecer, o que deve ser conhecido já estava aí, já surgiu. Mas surgiu como? Quando? Já surgiu - simplesmente, as coisas já são! E é aqui que a razão começa a impacientarse! Consentir que as coisas sempre já existiram, simplesmente, sem esforço, indica uma falta de sofisticação. Ora bem, simples é aquilo que, justamente por ser simples, está aquém de qualquer sofisticação. Qualquer tentativa de explanação, já corrompe a simplicidade e, por isso, distancia-se ainda mais de seu hálito. Como de fato, como explicar - explicitar - o que já é simples?

Dizer que, originariamente, os entes, simplesmente são, concerne em dizer que eles são sem mais e nem menos, e o que assim é, quer dizer, aquilo que, sem mais e nem menos é, é também aquilo que, por não ter nem mais, nem menos, não tem medida. E o que não tem medida, não pode ser calculado. Algo ser, sem mais, nem menos, implica em dizer que é... Sem razão! O que é sem razão, o que é sem mais e nem menos, é aquilo que não pode ser adquirido, comprado... O gratuito. Eis o que atormenta esta razão. As coisas, originariamente, são simplesmente, gratuitamente e, sem razão ou, desde fundo nenhum! Isto significa: originariamente as coisas são a partir de, por... Doação! Qualquer assédio de cobiça, qualquer querer demais, já macula e, por isto, distancia-se desta dimensão de doação. Aquela razão que está acostumada a ater-se somente ao que é seu por direito adquirido, a partir de sofisticados e seguros métodos de conhecimento, está cada vez mais apta a ir sempre mais além nas suas conquistas. Entretanto, quanto mais além, menos aquém e, por isto, mais distante daquilo que aqui está em questão! Nenhuma conquista intelectual nos faz mais merecedores desta doação. A doação, por sua natureza, não é por merecimento. Em outras palavras, não se trata aqui, de saber demais, conhecer muito. Não significa, também, uma apologia à ignobilidade... O entrave é a sanha de querer conhecer tanto a ponto de não se permitir não saber, não conhecer.

Permitir-se não saber, não conhecer, não obstante tudo o que se sabe, se conhece, implica numa entrega, numa postura de humildade. Tal humildade significa aquiescer que, o homem sabe, conhece, mas ao mesmo tempo, não sabe, não conhece, pois, o que se manifesta para ser conhecido, enquanto se manifesta, enquanto se desvela, pode ser conhecido, mas, ao mesmo tempo, como em tudo o que se manifesta, em tudo que se desvela, algo sempre se oculta, se retrai, então, por conta disto que se oculta, já não se conhece. Sabe-se, conhece-se, mas, ao mesmo tempo, não se sabe, não se conhece! Quando se entra em sintonia com este saber/não saber, - o que significa, para os padrões da ciência, um saber meia-boca, frouxo - entra-se em sintonia, sente-se o hálito, daquilo que se oculta... Este entrar em sintonia com o que se vela, se oculta, significa responder. A correspondência com o que se oculta, com aquilo que não se sabe, indica ao mesmo tempo, acolher e deixar-se ser acolhido por um não saber: permitir-se não saber - isto é humildade! Nesse âmbito, no ritmo desta sintonia, o que se oculta repercute no que se manifesta. Esta repercussão significa o eco do retraimento que, enquanto recolhimento, propicia a abertura para o fenômeno vir à tona; porém, ao mesmo tempo, enquanto retração que tende a encobrir, também ameaça, constantemente, a luminosidade do que aparece. Homem e silêncio imbricam-se, justamente, nesta abertura onde este 'conflito' entre o que se desvela e o que se vela acontece. Aqui, neste ninho silente da linguagem, o homem habita.

Há que se ter humildade ativa e ingenuidade sábia de uma criança, para se permitir não saber e, assim, baixando as guardas de qualquer volúpia cognitiva, entregar-se ao afago deste acontecimento arcaico, principiator de realidade, de vida. Faz-se necessário recolher toda a tagarelice e entregar-se neste fenômeno, que é ambiência de silêncio. Esta humilde valentia de deixar-se ser afetado por um fenômeno

que não pode ser dominado por conceito algum causa vertigens em uma razão de natureza predadora, desbravadora, que se arvora de a tudo conhecer, iluminar. Permitir-se ser acolhida pelo que não se sabe exige, desta razão, o colocar-se em risco, pois o não saber macula o seu próprio saber até então imaculado, comprometendo seu porto seguro... Então ela – a razão – dá de beijos, se revolta, vira às costas para todo este fenômeno, se rebela contra todo este silêncio ensurdecador e, por conta disto, faz da linguagem uma verdadeira tagarelice, uma falação que pretende abafar todo o silêncio, o que significa, secar sua própria nascente, dilacerar seu próprio ninho e, então, tornar-se apátrida... Fugindo de todo este silêncio, a razão retira a linguagem deste ambiente de nascença e, fazendo dela mero instrumento, volta-se para uma realidade enrijecida que possa, assim, ser agarrada, dominada por este poderoso instrumento.

Uma realidade assim, composta por coisas bem determinadas, com nítidas fronteiras que impeçam a mistura de “alhos com bugalhos”, para ser dita, carece de uma linguagem que não comprometa tal objetividade e, por isso, se comporte como um instrumento de precisão cirúrgica, que possa pinçar os entes através de rigorosos conceitos. Se assim é, este instrumento deve, por sua vez, ser também limpo, claro, isento de ambigüidades. Deve-se, portanto, purificar a linguagem, excluindo de seu seio, tudo o que não seja claro, limpo. A faxina da linguagem aqui operada é mais radical do que aquela proposta por Wittgenstein, pois, o filósofo inglês justificava tal higienização referindo-se a uma esfera que, na possibilidade de existir, jamais poderia ser dita. Desta forma, as nuances e ambigüidades presentes na linguagem seriam sintomas de uma pretensão, ilegítima, por parte da razão, de dizer o que não pode ser dito. Ao afirmar que, sobre o que não se pode falar, deve-se calar, Wittgenstein referia-se, ainda que de forma negativa, à dimensão do indizível. Neste sentido, haveria, por parte da filosofia, um constante cuidado para que a linguagem se confinasse às fronteiras que a protegiam das aventuras no campo metafísico. O filósofo se manteria, pois, nesta vizinhança, evitando qualquer recaída da linguagem. A gravidade que nos referimos concerne à possibilidade de, algum dia, tal fronteira não precisar mais de vigília alguma, por ser esquecida. Se for o caso, em qualquer direção que o animal racional lançasse suas luzes, o real se submeteria, numa luminosidade única, chapada, numa desertificação que cresceria para todos os lados. Não se trata aqui, de uma razão que se esqueceu de algo. Quando se esquece de algo, sempre existe a possibilidade de se lembrar. O grave é quando a razão que esquece, também é acometida no processo de esquecimento e, então, ela se esquece que esqueceu, provocando um profundo entulhamento. Segundo Heidegger, em tempos em que se preocupa com a violência destrutiva de uma bomba atômica, não se atina para uma ameaça ainda maior que, sutilmente, paira sobre o homem:

Um outro perigo muito maior nos ameaça [...] a revolução da técnica que se está a processar na era atômica poderia prender, enfeitiçar, ofuscar e deslumbrar o homem de tal modo que, um dia, o pensamento que calcula viesse a ser o único pensamento admitido e exercido. (HEIDEGGER, 1959, p. 26).

Sempre serão possíveis argumentos convincentes que demonstrem a imbecilidade de uma guerra atômica, visto a evidência de seu perigo e, no mais, temos a morte enquanto fenômeno biológico. O difícil é precaver-se da ameaça que ocorre naquilo que nos é mais próximo e que, justamente por ser o mais próximo, vige escondido - esquecido - enquanto nos sacolejamos nas peripécias do dia a dia no trato com os demais entes. O que nos é mais próprio, embora perpasse, não se confunde com a nossa lida diária, aparentemente idêntica a de qualquer bicho, numa rotina ordinária de dormir, acordar, alimentar-se ou passar fome, higienizar-se, copular. Diferentemente

dos animais, o que distingue o homem é que ele pode não somente dormir, mas este dormir pode significar o repouso de um dia de trabalho; ele não simplesmente acorda, mas este acordar pode significar o despertar para novas possibilidades a cada raiar do dia – ao cachorro, por exemplo, resta, para toda sua vida, latir e correr atrás dos gatos, petrificado que é em sua “cachorridade”; os animais alimentam-se, porém no homem pode estar presente, aviltado na mecânica mastigação, um degustar de fineza ímpar ou, também, a hora do alimento pode ser tão somente um pretexto para a bebedeira com os amigos, ou, quem sabe até, para a conquista amorosa; ao homem pode também faltar o alimento, no entanto, tal ausência pode não ser fome e, sim, um jejuar religioso ou protesto político; o animal copula, entretanto, no homem a cópula pode ser precedida pelo galanteio, por jantares regrados por versos, flores, criando um ambiente onde o gozo é diferente – coisa de gente!

Mas, afinal, de que se fala aqui? Que dimensão é esta que falta aos animais e perfaz tais coisas, tornando-as algo distinto no homem? E mais: O que tudo isto tem a ver com linguagem? É que todos estes afazeres - alimentar, dormir, acordar, etc. - ocorrem desde sempre numa rede de significações, de sentido, que perfaz a abertura – mundo – onde vida se dá. Esta abertura é, então, o “oco”, o vazio ontológico constitutivo do homem, que está sempre em retração, propiciando a lida cotidiana com os demais entes e, ao mesmo tempo, asseverando para sua condição de “poder ser”, diferenciando-o então, de toda coisa. O que vem a ser o homem distingue-se, assim, de qualquer coisa, ou, em outras palavras, o homem é “coisa nenhuma”.

Este vazio, este oco, coincide, pois, com a “consonância do quieto”, com o silêncio – voltamos então à linguagem! Este “oco” - este silêncio - diz respeito então àquilo que é mais próximo do homem; ora, o que nos é mais próximo é, justamente, o lugar onde sempre já estamos: nossa morada. O homem mora na linguagem, mais precisamente, na essência da linguagem – no silêncio. A abertura, o “oco”, o silêncio é, assim, a morada do homem. Os animais não possuem mundo; os animais nunca podem fazer silêncio, visto que, só pode estar em silêncio aquele que tem o que dizer, ou, é possuído pelo dizer:

[...] é a linguagem que ‘possui’ o homem, na medida em que o homem pertence à linguagem, que a linguagem lhe abre o mundo e, com isto também, o seu habitar no mundo. (HEIDEGGER, 2008, p 85)

Em sua dimensão mais arcaica, o homem é, então, constituído pelo silêncio, pela quietude. Não cabe mais, a esta altura, a objeção de uma razão que teime em entender esta quietude como o contrário do ativismo. Para seu assombro, onde vigora a maior quietude é, também, onde mais se encontra, latente, toda algazarra. Em outras palavras, todo barulho possível encontra-se acolhido, resguardado, dormente, no silêncio - na quietude. O mais tênue barulho nada mais é do que um rasgo nesta quietude que, por ser o seio de todo som, é o horizonte a partir do qual qualquer barulho manifesta-se. Quietude é, sim, o vigor máximo do movimento. O silêncio é, sim, a concentração máxima de todo dizer possível!

REFERÊNCIAS

- HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.
- _____. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein; revisão da tradução de Marco Antonio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo:

Nova Cultural, 1991 (Os Pensadores).

_____. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback; preparação Ari Roitman. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1998.

_____. *Serenidade*. Tradução de: Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto PIAGET, 1959.

_____. *Parmênides*. Tradução de Sérgio Mário Wrublewski; revisão de tradução: Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. (Coleção pensamento humano)

FOGEL, Gilvan; RUIN, Hans; SÁ CAVALCANTE SCHUBACK, Marcia. *Por uma fenomenologia do silêncio*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus lógico-philosophicus*. Tradução de José Arthur Giannott. São Paulo: Editora Nacional, 1968.